

Linguagem e conhecimento na formação inicial de professores para as séries iniciais

Language and knowledge in the initial training of teachers for the early grades

José Moysés Alves
Universidade Federal do Pará
jmalves@ufpa.br

Andrela Garibaldi Loureiro Parente
Universidade Federal do Pará
andrelagaribaldi49@gmail.com

Resumo

Este artigo relata a pesquisa de um professor sobre sua prática, buscando responder se é possível trabalhar o tema Linguagem e Conhecimento, em uma perspectiva de simetria invertida, na formação inicial de professores. Procura responder a esta pergunta, investigando, narrativamente, os sentidos que emergem da experiência com uma turma de licenciandos. Interpreta analiticamente a narrativa feita com base em suas memórias pessoais, no planejamento realizado para o tema e nas produções dos estudantes. Os resultados mostraram que, ao pesquisar assuntos relacionados ao tema Natureza e Cultura do Marajó, os licenciandos experimentaram condições de aprendizagem semelhantes às que poderão propor aos seus futuros alunos. Puderam vivenciar a comunicação dialógica em sala de aula sobre um tema contextualizado e avaliar que tais condições favorecem a valorização da identidade cultural e da autoestima dos estudantes, além de facilitar a compreensão do papel da linguagem na construção do conhecimento.

Palavras chave: Linguagem e conhecimento, formação inicial, simetria invertida.

Abstract

This article reports the research of a teacher about his practice, trying to answer if it is possible to work on the theme Language and Knowledge, in a perspective of inverted symmetry, in the initial formation of teachers. He tries to answer this question, investigating, narratively, the senses that emerge from the experience with a class of graduates. He interprets analytically the narrative made based on his personal memories, the planning realized for the subject and in the productions of the students. The results showed that, in researching subjects related to the Nature and Culture of Marajó, the licenciandos experienced similar learning conditions that they could propose to their future students. They were able to experience the dialogic communication in the classroom about a contextualized theme and to evaluate that such conditions favor the valorization of the cultural identity and the students'

self-esteem, besides facilitating the understanding of the role of language in the construction of knowledge.

Key words: Language and knowledge, initial formation, inverted symmetry.

O presente artigo relata a pesquisa de um professor sobre sua prática (JOSSO, 2010), buscando responder se é possível trabalhar o tema Linguagem e Conhecimento, em uma perspectiva de simetria invertida, na formação inicial de professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Os autores procuram responder a esta pergunta, investigando, narrativamente (CLANDININ; CONNELLY, 2011), os significados que emergem da experiência com uma turma de licenciandos, em sua primeira etapa de formação inicial. O planejamento e a reflexão sobre a experiência foram feitos colaborativamente pelos autores, mas para facilitar a leitura, o texto foi redigido na primeira pessoa do singular, por tratar-se de uma prática em que o primeiro autor era o professor da turma.

O tema Linguagem e Conhecimento I (LC I) é um componente do primeiro semestre da grade curricular da Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens (LIEMCI). Conforme sua ementa, pretende apresentar e discutir diferentes definições de linguagem, noções sobre sua filogênese e ontogênese, a relação entre pensamento e linguagem, bem como sobre o papel da linguagem em diferentes métodos de ensino.

Ministrei o referido tema algumas vezes e estava insatisfeito porque avaliava que não relacionava, diretamente, ao trabalho do professor em sala de aula. Ouvia falar da simetria invertida (CNE/CP, 2002; OLIVEIRA e BUENO, 2013) em que o professor formador ensina o futuro professor de maneira semelhante ao que ele fará com seus alunos, mas não sabia como fazer isso no tema LC I, por se tratar de um tema eminentemente teórico e ser um assunto que não se costuma discutir com os alunos dos anos iniciais.

Ao ministrar o tema, costumava apresentar noções teóricas e exercícios de análise de transcrições de diálogos ocorridos em aulas, relatados na literatura (ex. FONTANA, 1993; SCARPA e TRIVELATO, 2001), mas continuava com a sensação incômoda de corroborar com a ausência de relação entre disciplinas pedagógicas e disciplinas de conteúdo específico, criticada por fazer parte do modelo da racionalidade técnica (CONTRERAS, 2002; GATTI, 2013)

Compartilhei tal incomodo com uma professora de Ciências, também docente do curso. Conteí a ela que estava em busca de um assunto que me permitisse aproximar o tema LC I dos conteúdos das séries iniciais e, conseqüentemente, do trabalho do licenciando, na perspectiva de sua atuação profissional. Ela me sugeriu trabalhar com o assunto Natureza e Cultura (NC), por considerar uma discussão que constava do currículo dos anos iniciais, presente em várias áreas de conhecimento.

Avaliei a proposta pertinente e interessante e nossa colaboração se estendeu deste momento em diante, até a redação do presente artigo. Considerei pertinente, porque, além de estar relacionado aos anos iniciais, era um tema para o qual eu, com formação na área de psicologia, me achava minimamente preparado. Isto porque tinha estudado sobre etologia humana, orientado alguns trabalhos de professores de biologia e participado de algumas bancas, de mestrado e doutorado, nas quais se discutia, por exemplo, a noção de ambiente, não como algo que afeta o homem desde o exterior, mas como contexto do qual o homem é parte e com o qual se compromete de forma responsável.

O estudo da evolução da linguagem na pré-história humana possibilita compreender que ela está diretamente relacionada com a sofisticação da cultura e que é um dos fatores que

pressionam a transformação da natureza (biológica) do organismo humano (LEAKEY, 1995). Assim, entendo que o tema Linguagem e Conhecimento está intimamente relacionado com o tema Natureza e Cultura.

Costumava usar em minhas aulas uma transcrição, analisada por Fontana (1993), em um capítulo que trata sobre a elaboração conceitual na sala de aula. Neste texto, o episódio analisado é sobre o conceito de cultura, discutido com uma turma de 3ª. série do ensino fundamental. Tal coincidência me fez ficar mais entusiasmado com a proposta.

A próxima vez que ministraria o tema LC I seria para uma turma nova da LIEMCI, em Soure. Então, pensei em trabalhar com a turma a temática Natureza e Cultura do Marajó. O Marajó tem uma biodiversidade exuberante e uma cultura riquíssima, que preserva algumas características dos antigos habitantes da região, expressando-se de várias formas, entre outras, em seu artesanato, culinária, esportes, lendas, brincadeiras e religiosidade.

Neste estudo, assumo a pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011) para investigar a partir de minha experiência docente em Soure, novos/outros sentidos para o tema LC I. Destaco, inicialmente, mudanças em minha prática docente orientada para a formação inicial de professores, com a introdução da discussão sobre Natureza e Cultura do Marajó. Contudo, é a partir do envolvimento e da reflexão estabelecida com os discentes que produzo novos sentidos para o referido tema, ressitando meu papel de formador de professores (GATTI, 2013).

A experiência em Soure

Era a primeira etapa da turma da LIEMCI em Soure. Eles já tinham cursado outros temas em julho e o meu era o último tema, na terceira semana de agosto. Depois eles voltariam a ter aulas nos meses de janeiro e fevereiro. Os temas tiveram, em geral, duração de uma semana, sendo oito horas de aula por dia.

Já tinha ouvido elogios à turma, feitos pelos professores que me antecederam. Logo que cheguei, conversei com os alunos e eles também elogiaram os professores formadores e as maneiras diferenciadas como realizaram as atividades, variando os contextos e as formas de abordar os assuntos, despertando o interesse e valorizando a criatividade dos professores em formação inicial.

A turma simpatizou com a proposta de trabalhar a temática Natureza e Cultura do Marajó. Desde a primeira aula, explicitiei que o trabalho final seria o planejamento de atividades para ensinar aos alunos das séries iniciais, conteúdos que relacionassem natureza e cultura, que fossem contextualizados no Marajó e que aproveitassem as ideias de nosso tema (LC I) no planejamento das situações comunicativas com os estudantes.

No primeiro dia, eles responderam, por escrito, o que entendiam por natureza, cultura e a relação natureza-cultura. Depois, se reuniram em grupos de quatro, discutiram suas respostas individuais e chegaram a uma resposta de consenso do grupo para cada pergunta, que também registraram por escrito. No final da manhã, fizemos uma grande roda de conversa e discutimos as respostas para cada uma das perguntas. O diálogo foi animado, com manifestações da maioria dos licenciandos.

Neste primeiro dia, de tarde, trabalhamos com o episódio analisado por Fontana (1993). Nele a professora retoma o estudo de outras aulas sobre natureza e cultura, conversando com as crianças a respeito de uma gravura, que representa uma aldeia indígena. A professora solicita, primeiro, que os alunos descrevam o que observam na gravura, depois, que apontem na gravura o que faz parte da cultura dos índios e, finalmente, o que seria da natureza. A tarefa dos licenciandos foi dividir a aula em partes, levando em conta as diferentes solicitações da

professora. Ocorreram, inicialmente, diversas opiniões sobre em quantas partes o episódio poderia ser dividido. Depois de uma discussão, todos concordaram que seria adequado dividi-lo nas três partes antes mencionadas.

Em seguida, cada licenciando, definiu linguagem, conhecimento e como ambos se relacionam por escrito. Depois, todos socializaram com a turma suas opiniões e conversamos um pouco sobre elas.

No dia seguinte, assistimos dois vídeos curtos, disponíveis no *youtube*. O primeiro, intitulado “O que é a linguagem?”, exibe conversas com vários especialistas da área sobre definições, tipos e funções da linguagem, entre outros assuntos. Destaquei, na discussão com a turma, uma definição de linguagem explicitada no vídeo, que transcrevo a seguir.

O linguista José Luis Fiorim define a linguagem como “*o conjunto estruturado de signos, que se combinam de uma determinada maneira, com vistas à comunicação humana*”.

O segundo vídeo, parte de uma palestra de Mario Sérgio Cortella, intitulado “Conteúdo e conhecimento”, em que o autor diferencia informação de conhecimento, argumentando que a informação é a base do conhecimento, mas diferentemente desta é inesquecível. Enquanto a informação é cumulativa o conhecimento é seletivo. O conhecimento é aquilo que importa ao sujeito e que o sujeito toma para si. Nesta perspectiva, ele diferencia estudar de decorar informações.

Depois tentei responder algumas perguntas dos discentes a respeito da definição de signo e do papel da linguagem na constituição do sujeito, entre outras. A proposta era mais a de levantar e problematizar o conhecimento prévio dos futuros docentes, acrescentando alguns elementos que lhes permitissem formular novas perguntas e sistematizações.

Neste segundo dia, à tarde, eles leram sobre a evolução da espécie humana (CUNHA E MONTANARI, 1995). Poucos tinham ouvido falar sobre este assunto. Discutimos a leitura e conversamos, inclusive, sobre a disputa entre evolucionistas e criacionistas na explicação da origem do universo e do homem. Daí em diante, focalizamos no planejamento e elaboração do trabalho final. Tinha comigo alguns livros didáticos dos anos iniciais, que eles consultaram para ajuda-los a definir um assunto para o trabalho.

No terceiro dia, era feriado municipal, mas nós combinamos investir o tempo no desenvolvimento do trabalho. Fizemos uma escala de rodízio e orientei cada equipe, problematizando, incentivando e sugerindo conteúdos e procedimentos para a realização do mesmo. No tempo restante, fora de nosso local de encontro, eles continuaram suas pesquisas sobre o conteúdo escolhido, realizaram entrevistas, construíram recursos didáticos, entre outras atividades. No quarto dia, pela manhã, eles concluíram suas apresentações e de tarde começaram as apresentações dos trabalhos, atividade que se estendeu até o final do quinto dia. Cada equipe teve uma hora para apresentar o seu trabalho.

Primeiro, cada equipe escolheu um assunto e nós conversamos para adequá-lo aos interesses de nosso tema. Os assuntos escolhidos foram: As plantas do Marajó; Vertebrados e invertebrados do Marajó; O carangueijo na natureza e cultura marajoara; A corrida do cavalo marajoara; Tipos de solo e cerâmica marajoara; Lendas e brincadeiras tradicionais marajoaras; A luta marajoara.

Além de formar o professor, relacionando os conteúdos estudados com suas futuras práticas profissionais, acredito que a experiência de Soure corrobora com as ideias de Gatti (2013, p. 53), quando argumenta que a sociedade exige um novo paradigma em educação, que, entre outras exigências, “solicita cada vez mais que o profissional professor esteja preparado para

exercer uma prática educativa contextualizada, atenta às especificidades do momento, à cultura local e ao alunado diverso em sua trajetória de vida e expectativas escolares”.

Cada equipe também se preocupou com a natureza das atividades que proporião às crianças. Neste momento, notei o aproveitamento dos outros temas da Licenciatura Integrada, cursados anteriormente, nos quais os discentes aprenderam a confeccionar recursos didáticos, inclusive editar vídeos, preocupando-se em despertar a curiosidade e incentivar a participação das crianças.

Interessante notar o papel da imaginação no planejamento das atividades. Eles tinham histórias relacionadas aos assuntos. Alguns deles falavam a respeito das mesmas com entusiasmo. Alguns tinham experiência pessoal ou familiar com a luta marajoara, o uso de plantas medicinais e a coleta de carangueijos, por exemplo. Situar o tema na natureza e cultura do Marajó, implicou subjetivamente os professores em formação inicial e foi uma condição de produção de sentidos subjetivos (MITJÁNS MARTINEZ e GONZÁLEZ REY, 2017) sobre o aprender e o ensinar.

Planejar os temas demandou dos discentes imaginação e criatividade, que o diálogo se encarregou de desenvolver, na medida do possível, pois não bastava o interesse pelo tema, era preciso que, no planejamento das atividades, eles não enfatizassem o polo da natureza ou da cultura, mas captassem a relação entre ambos. Era preciso trazer o conhecimento popular, por exemplo, de como tirar carangueijo, usar plantas medicinais e interpretar os desenhos na cerâmica marajoara, mas era preciso relacioná-lo aos conteúdos de ciências das séries iniciais. Também era necessário pensar nas situações de comunicação que seriam propostas para motivar as crianças a aprender e para os professores atingirem seus objetivos.

Em menos de dois dias, todas as equipes conseguiram pesquisar sobre os temas e construir uma apresentação em *power point*, com informações valiosas e bem ilustradas. A maioria das equipes produziu pequenos vídeos com entrevistas à personalidades locais (ex. artista, curandeiro, ex-campeão da corrida marajoara) e/ou relatando processos desenvolvidos pela própria equipe, como por exemplo, extrair a tinta preta do genipapo. Outros trouxeram para a sala de aula plantas, argila e amostras de rochas. A maioria das equipes produziu recursos didáticos para ensinar e/ou avaliar o conteúdo proposto, usando jogos, principalmente. Uma ilustração de um destes jogos em construção pode ser vista a seguir.



Figura 1: Peças de um jogo em construção

As apresentações foram sempre entusiasmadas e divertidas, incluindo momentos que envolviam os demais colegas da turma em simulações e brincadeiras.

Considerações finais

Acredito que o tema proporcionou condições para a aprendizagem e desenvolvimento de conceitos complexos como natureza, cultura, linguagem e conhecimento. Apesar de pouco tempo para discutir teoricamente estes conceitos e outras questões da comunicação em sala de aula, consideramos adequado, em um tema inicial (LC I), levantar e valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes, discuti-los, trazer alguns elementos novos, pesquisar, imaginar e construir recursos pedagógicos para facilitar a comunicação dialógica em sala de aula.

Os licenciandos experimentaram, eles próprios este tipo de comunicação, ao realizarem atividades semelhantes aos da sua futura atuação profissional. Acredito também que o tema proporcionou o exercício e desenvolvimento de vários conteúdos procedimentais, tais como pesquisar sobre um assunto, entrevistar especialistas, sistematizar informações, editar vídeos, entre outros. Por último e talvez mais importante, pelo menos de meu ponto de vista de formador, o tema proporcionou a aprendizagem e/ou desenvolvimento de atitudes de valorização da natureza e cultura local, fortalecendo a identidade cultural, a autoestima, a escolha profissional, os vínculos afetivos entre colegas e o sentimento de competência, desde a primeira etapa da licenciatura. Evidente que isto só foi possível pelo trabalho integrado de todos os temas desenvolvidos nesta etapa, produto de uma cultura institucional partilhada pelos professores formadores, que transmite para os alunos certos princípios éticos e pedagógicos, como a valorização do estudante, de sua cultura, sua linguagem e seus conhecimentos.

A experiência em Soure me ensinou que: 1) é possível trabalhar na formação inicial de professores com um tema teórico, mas ainda em uma perspectiva de simetria invertida, usando um outro tema dos anos iniciais, de forma contextualizada, 2) a contextualização permite valorizar a identidade cultural e a história pessoal dos licenciandos, mobilizando suas emoções e favorecendo a produção de sentidos subjetivos, que constituem a motivação para aprender e planejar o próprio ensino, 3) o planejamento das atividades, implica a imaginação e o pensamento, que são desenvolvidos no diálogo com o professor formador, com os colegas e com os sujeitos participantes das pesquisas realizadas, 4) O diálogo contribui para o desenvolvimento de vínculos afetivos, competências e a autonomia dos futuros professores.

Agradecimentos e apoios

Agradeço à turma da LIEMCI de Soure/PA, que compartilhou comigo esta experiência.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Resolução CNE/CP 01. Brasília: MEC/SEB, de 18 de fev. de 2002.

CONNELLY, F. M. CLANDININ, D. J. **Pesquisa narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. Trad. Grupo de Pesquisa narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU, Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CUNHA, P.O. e MONTANARI, V. **Evolução do Bicho-Homem**. São Paulo: Moderna, 1995.

FONTANA, R.A.C. A elaboração conceitual: a dinâmica das interlocuções na sala de aula. Em: SMOLKA, A.L.B. e GÓES, M.C.R. (Orgs.) **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1993, p. 132-134.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito...Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (Orgs.) O método (auto) biográfico e a formação. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2010, p. 59-79.

MITJÁNS MARTINEZ, A. e GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

OLIVEIRA, A.S. e BUENO, B. O. (2013) Formação às avessas: problematizando a simetria invertida na educação continuada de professores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2013, p. 1-16.